

# **Plantas, Bobagens, Coisas Odiosas, a Samarco e a Guerra Pela Água**

Cristiano Budreckas

Há muito tempo venho pensando em escrever sobre as coisas odiosas. Não escreverei sobre Dilmás, Lulas, Renans, Temers, Cunhas e assemelhados, até porque pretendo falar sobre coisas e não excrecências sociais. Tratarei de “cousas” simples, como: quebra vento, forma de pudim, cadeira marfinite, barragem, canga... Mas para isso vou roubar um personagem fictício que me ajudará no transcorrer do ensaio; ela é Lisbeth Sallander, inspirando-me na obra Millennium de Stieg Larsson.

Vamos lá. Devido á sua pouca idade, Lisbeth não conhece o que é “quebra vento”! Pois bem, era uma janelinha pequena instalada ao lado dos espelhos retrovisores externos dos automóveis. Tinha a função de refrigerar o interior dos carros numa época em que estes não dispunham de ar condicionado e que de quebra, trabalhavam para desembacar internamente os vidros em dias de chuva. Tinham logicamente alguns inconvenientes, como por exemplo, precisarem ser travados quando se saía do carro, pois os quebra ventos, sistematicamente serviam para os meliantes furtarem o carro, pois mesmo travados eram facilmente arrombáveis.

Em determinado momento da indústria automobilística algum projetista insano resolveu aboli-lo, logicamente em defesa de um negócio chamado design, que na realidade representava uma economia no custo de algum 0,001% na montagem do possante. Sendo que para as montadoras essa meia dúzia de caraminguás economizados por carro produzido ao final do ano era uma economia representativa e de quebra, essa mudança sempre fora motivo de orgulho perante a matriz americana ou europeia.

Mal sabia o tal designer o prazer que o vidrinho móvel proporcionava aos usuários em dias de “sol de rachar a mamona”, ou então a funcionalidade do mesmo numa noite de lua quando se estacionava na pracinha escura para namorar com uma donzela sendo o quebra vento o único contato com o mundo exterior, pois os outros vidros permaneciam fechados e embaçados.

Sei que os tempos são outros: os carros são maiores, tem mais visibilidade, tanta visibilidade que houve por bem reduzi-la com a aplicação de películas escuras. A pracinha foi trocada pelo motel ou pelo quarto dela não sendo hoje mais necessário ficar dias e dias tentando seduzir a moça para se acessar um lingerie.

Ah Beth! Não pense que a indústria é boazinha, pois a tal indústria automobilística acabou lucrando muito com isso, pois o quebra vento fora trocado pela cultura do ar condicionado, que junto com o vidro elétrico, trava elétrica e direção hidráulica, elevava o valor do automóvel em no mínimo 50%. Assim, a indústria economizava 0,001% e de quebra majorava os preços finais de sua produção em 50%, apenas eliminando o quebra-vento.

Toda essa troca num mundo em que o ar condicionado representa 20% a mais de consumo de combustível fóssil, assim, essa troca foi no mínimo insana. E o pior, todo mundo aplaudiu.

Beth, deixemos o carro na garagem e vamos para a cozinha. Na cozinha a pior invenção possível, foi a forma de pudim redonda, aquela que tem uma estrutura no meio em formato cônico.

Nunca consegui entender para que serve aquele cone que gera um buraco no meio do pudim de leite condensado, mas sei que ele tem um monte de inconvenientes. É muito difícil caramelizá-lo internamente com a calda, o que quase sempre gera queimaduras nos dedos de quem realiza o “Balé da Calda de Caramelo” feito num vai e vem frenético até cobrir toda a superfície sem deixar a goma esfriar. Sem contar que na hora de lavar a forma temos mais área com calda para ser removida. Ao guardar, é difícil empilhar outra panela sobre a forma. Ao desenformar, quase sempre o pudim quebra no centro (apesar de que não tenho nenhuma restrição a comer pudim de leite condensado quebrado e repleto de furinhos).

Mas a principal crítica ao designer da forma de pudim é ter criado uma forma que cabe menos pudim. Sim, isso mesmo. Se não existisse o tal cone, os pudins não teriam furos no centro e toda a parte vazia, seria pudim! A conta é simples, forma com furo, menos pudim. Forma sem furo, mais pudim!

Lis, cuidado ao sentar para comer o pudim de leite condensado feito na forma sem o cone central, pois essa cadeira de plástico, empilhável, branca, não tem travamento na base. Chamam-na no comércio de cadeira marfinite, talvez porque imite em dureza a preza dos elefantes. Isso lá é verdade, a tal cadeira é forte ao menos quando nova, pois se ficar exposta ao tempo, em poucos meses a radiação solar transforma a resina plástica de que ela é feita, fragilizando-a e a fazendo se quebrar facilmente.

Outro inconveniente, é que como não tem travamento de uma perna para a outra, quando colocada sobre um piso liso facilmente abre as pernas, derrapa e se quebra, proporcionando a quem assiste a queda, boas risadas e muita dor para quem é sua vítima.

Pensei em porque a tal cadeira se chama marfinite?

É simples Beth! Marfim vem da cor branca e da dureza dos dentes dos primos do Jotalhão. E “ite” vem do sufixo utilizado pela medicina para designar inflamação, como rinite, uveíte, conjuntivite e etc. Daí a tal cadeira branca de Marfim provoca uma “ite”: uma inflamação, quase sempre em cotovelos e em glúteos, quando seus pés se quebram e o sujeito cai sentado ao chão.

Descobri como resolver o problema, diminuindo praticamente totalmente os riscos de queda: é só empilhar duas cadeiras e se sentar!

Bem comido o pudim, agora é preciso tirar no par ou ímpar para ver quem irá lavar a forma, pratos e talheres. Mas cadê a água?

As Urbes modernas em todo o mundo, vivem crises de falta de água, e pensando em termos de Brasil, se formos buscar os culpados por essa situação, teremos vários, mas Beth, o grande culpado dessa falta de água crônica no Brasil é um tal Estatuto da Terra.

Este estatuto é uma Lei estabelecida no Brasil na década de 1960 que tinha a intenção de igualar direitos de trabalhadores rurais com os trabalhadores da cidade. Funcionou realmente, mas causou intensa migração de pessoas do campo para as cidades, inflando-as e concentrando nelas as riquezas, pois as agora Empresas Rurais precisaram se modernizar e um dos eventos da modernização fora a mecanização, sem contar que as Leis Trabalhistas eram impraticáveis com o trabalhador morando na Fazenda (Empresa Rural), daí adveio a migração dos Rurais para as cidades.

Essa concentração de pessoas e de riquezas, por consequência, gerou altas taxas demográficas e de natalidade, tão altas que deixariam Malthus de cabelos brancos. Assim, começou a faltar na cidade quase tudo: luz, casas, ruas, hospitais, policiais, escolas e água.

Essa falta de água, que atinge por exemplo a região metropolitana de São Paulo, é um fenômeno já previsível lá em 1962 quando o Projeto Cantareira foi concebido (concluído em 1976). O Cantareira é um projeto ambicioso e de alta engenharia que “rouba” água da Bacia do Rio Piracicaba para dar de beber para pessoas que moram na Bacia do Alto Tietê.

Elizabeth, de lá para cá nenhum grande projeto foi realizado. Não por culpa dos administradores, mas sim por falta de locais onde buscar essa água. O Sistema Cantareira já traz água de chuvas que choveram a aproximadamente 200 Km de distância de São Paulo.

Onde então buscar água?

1- **No Sub solo**, é que não! É criminoso retirar água do subsolo com poços artesianos. Falam do imenso Aquífero Guarani, mas retirar água do subsolo é agir como quando acaba o dinheiro da carteira, o cheque especial está estourado, o banco não empresta mais, os “amigos” somem e só resta o porquinho de moedas das crianças. O problema é como explicar para as crianças sobre esse “roubo” ao porquinho.

2- **Do uso dos mananciais superficiais**, seria correto para o caso de São Paulo, mas beira a inviabilidade, pois os dois grandes mananciais existentes, além de estarem longe (perto dos 200 Km) apresentam um agravante. Os rios Itapanhaú (Bertioga) e o Ribeira (Registro), estão praticamente ao nível do mar. O bombeamento para São Paulo que está 800 metros morro acima demandaria o uso de potentes bombas hidráulicas com elevado consumo de energia elétrica ou fóssil, sendo portanto técnica e economicamente inviável. Importante frisar que esse erro (bombeamento), ainda que em menor escala, ocorreu na concepção do Sistema Cantareira.

3- **Dos mananciais próximos**, como Guarapiranga, Billings e Rio Tietê, que estão todos poluídos por esgoto da própria cidade. O momento histórico da urbe moderna é retratado de forma bem realista por “pessoas que urinam na própria talha d’água”. Hoje a cidade polui seus mananciais, mas acredito que vai chegar um dia que isso não mais acontecerá. Demorará a ocorrer, pois atualmente as pessoas estão preocupadas com seus smartphones, aplicativos, tablets e etc. Lembrando que nenhum desses negócios resolve os problemas da poluição pelo esgoto, apesar de mostrarem em tempo real os fatos.

Beth, os urbanoides modernos estão preocupados com seus taxis, se eles devem ser brancos ou pretos, se são Uber ou 99; estão preocupados em calcular quanto de Metano produz o arroto e o pum do boi, dizendo que o correto é se comer arroz integral, mas ninguém tem coragem de falar o quanto sai de Metano do esgoto!

Quando estiveres na marginal Pinheiros ou Tietê e veres aquelas borbulhas saindo da “água”, saibas que aquilo é gás metano ou gás sulfídrico, o mesmo Metano que aquela ONG propaga aos quatro ventos em uma peça publicitária que te condenas por comeres um bife de alcatra ou por não fazeres xixi no chuveiro que economiza descarga do vaso sanitário; tudo bem que a ONG das letrinhas nada fala sobre a quantidade de Cloro que será necessária para lavar o box com cheiro de xixi.

Ok, já pichei bastante, mas qual a solução para o esgoto? Não existe uma solução, mas sim várias!

a - Mudar a arquitetura das casas, seria um grande passo, fazendo com que a água da chuva ao invés de ser direcionada para a galeria de águas pluviais ou rua causando enchentes, seja destinada para o lençol freático (solo, terra); o simples fato de encaminhar água para os reservatórios do solo, já aumentaria em muito a vazão de nascentes, córregos e rios; ou separando a água negra da água cinza para que tenham tratamentos e destinos distintos.

b - Beth, debes deixar também de usar os tais produtos biodegradáveis, pelo simples fato de que em nada adianta quebrar uma molécula gigantesca em duas ou três partes, pois isso ainda demandará muito trabalho da natureza para anular seus efeitos danosos; pois uma molécula de cinquenta ligações de Carbono se for quebrada ao meio em duas de vinte e cinco carbonos, ela foi biodegradada, mas ela ainda continua sendo uma molécula gigante que precisa chegar ao final com um só carbono.

Todos os produtos que tiverem na sua constituição nomes gigantescos, como Linear Lauril Alquil Sulfonato de Sódio ou Triplo Fosfato de Sódio ou Cloreto de Cocobenzil Alquil Dimetil Amônio ou Cloreto de Alquil Dimetil Benzil Amônio ou qualquer outro que contenha Anel Benzeno ou altas concentrações de Nitrogênio ou de Fósforo, terá grandes cadeias e exigirá muita energia para sua quebra, o que causará grande impacto na natureza, ainda que sejam biodegradáveis. De forma simplista, ser biodegradável em nada resolve, apenas gerará menos espuma lá em Santana de Parnaíba até porque o que a televisão não mostra, o coração não sente!

c – Que se adote outros sistemas de tratamentos de esgotos. Pois na época em que as ETEs (Estações de Tratamento de Esgotos) por lodo ativados foram concebidas na Inglaterra em 1910 para tratar exclusivamente xixi, cocô e sabão de cinza, não existiam detergentes, sabões em pó, sabonetes, pastas de brilho, pasta de dentes, perfumes, xampus, condicionadores, cãndidas, amaciantes, removedores, ajax, cloros, dínamos, creme de barbear, base, cremes hidratantes, esmaltes, rimels, batons, sombras, delineadores, protetores solares, repelentes, etc., que são produtos com fórmulas de moléculas com nomes gigantescos, que apareceram durante a Segunda Guerra mundial.

Opções tecnológicas existem. Desde aquelas complexas e caras como as ETEs de flocodecantação, até tratamentos naturais como os Sistemas de Fitobiorestauração, representados pelos Alagados Construídos, e Jardins Biofiltrantes (Wetlands).

E por aí vai... mas Lizbeth, certamente o pulo do gato para a água das metrópoles, enuncio no próximo item.

4- **Do Meio Rural**, nas bacias hidrográficas das represas usadas como fonte de abastecimento das metrópoles, existe uma infinidade de propriedades rurais, que possuem pequenas represas ou áreas em condições destas serem construídas. Represas que acumulam águas nas épocas de chuvas ou das nascentes e que hoje se prestam apenas para abastecer a propriedade rural e em parte controlam o fluxo de água para as represas de abastecimento e para os rios.

Querida, o título deste ensaio trata de coisas odiosas. Já falei de quebra vento, forma de pudim, cadeira marfinite, e agora versaremos sobre as barragens, deixando a canga para o final.

As barragens sempre foram coisas odiosas. Todo produtor rural sabe o ônus de tentar construir uma barragem na propriedade rural: a via sacra de autorizações, licenças, projetos, taxas, e outorgas. Ele deve obter tudo isso para fazer um simples barramento para dar de beber para meia dúzia de vacas “pé duro” ou para regar três quarta de pés de alface. A cidade é implacável com as leis e objeções que cria para o meio rural, inclusive para os puns dos bois que em pouco tempo, acredito, necessitarão de licença e pagarão taxas para executar os seus chamados da natureza, pagando disso contribuições ao enriquecimento das cidades.

Ficou famosa a barragem da Samarco lá de Mariana, onde o acidente causou ônus sem igual. O interessante é que se o Tanaka alugar uma retroescavadeira e represar vinte metros cúbicos de água do “córquinho” que nasce dentro da propriedade dele, até helicópteros a cidade usará para vigiar e punir o “Seo Tanaka”. Ele, de produtor de alfaces, do dia para a noite será tachado pelos “ecochatos” e urbanoides de plantão e pelos órgãos de fiscalização ambiental, como **criminoso ambiental**, por represar vinte metros cúbicos de água.

Todo acidente, inclusive o da Samarco, é uma sucessão de diversos erros. Uma sucessão de eventos que somados, culminam com um acidente. Todos temos culpa, desde a Samarco, passando pelos agentes de fiscalização (DNPM, IBAMA, Secretarias de Meio Ambiente, etc.), universidades, e até Eu e Tú.

Sim Beth, também tens culpa no rompimento da barragem da Samarco! Tua culpa é igual a minha, ela reside no fato de não pesar em nossa consciência ao comprar um guarda-chuva “ching ling” produzido do outro lado do mundo com minério da Samarco ou de outra mineradora qualquer, pela bagatela de “Déis Real” (R\$ 10,00) no camelô da esquina da Avenida Paulista. Ao fazer essa compra somos coniventes com esse sistema predatório que desvaloriza a matéria prima em função de um sistema de consumo baseado na **Obsolescência Programada**. Tudo que você compra

hoje tem uma tecnologia odiosa chamada Obsolescência Programada, onde o produto é feito para durar um tempo pequeno, requerendo a compra de outro produto. O Pai dessa criança, foi um tal de Ford que lá no começo do século XX, montou equipes técnicas para percorrerem os ferros velhos dos Estados Unidos para entender quais partes dos carros podiam ser mais frágeis e se quebrarem antes. Dizem, não sei se é verdade, mas esse computador no qual “cato milhos” tem um chip instalado que conta quantas vezes a máquina é desligada e religada para que quando chegar num número X outro chip mande mensagem de autodestruição, deixando o “cérebro adicional” fora de ação. Isso é odioso!!!

O rompimento da Barragem de Mariana pontualmente se deu por problemas construtivos, e pelo acumulo de água aliados a ocorrência de dois terremotos. Estes últimos fizeram com que a massa pastosa que estava retida a montante da barragem se movimentasse. O primeiro terremoto criou uma pequena onda, quando veio o segundo abalo, logo na sequencia, a oscilação da primeira onda se somou com a segunda aumentando sua amplitude, sua crista e seu poder de impacto; afetando a estrutura da barragem. Daí em diante, o acidente estava consumado morro abaixo.

A Samarco, tem culpa sim, e muita! O problema é que do jeito que as coisas caminham existe um grande interesse de terceiros de que a empresa seja fechada. Se a empresa não voltar a funcionar rapidamente, ela não terá como honrar os compromissos sociais, trabalhistas e ambientais. Os governos não assumirão esses ônus, pois a eles interessa apenas cobrar. Interessam-se por impostos, multas, taxas, e etc.

A Samarco precisará funcionar, minerar e exportar para gerar recursos para mitigar os danos. As multas a ela impingidas devem ser indultadas e esses valores devem ser aplicados nas compensações locais às comunidades e ao ambiente inteiro. Em nada adianta esses valores pararem nos cofres dos governos pois de lá terão caminhos incertos, até com grandes partes indo para paraísos fiscais onde “Offshores” beneficiarão personas com foro privilegiado.

Processos judiciais morosos em nada resolverão os problemas das pessoas afetadas e do ambiente. Em função dos terremotos, qualquer advogado de porta de cadeia (se é que eles existem, nunca conheci nenhum!) ligará o acidente a causas naturais, o que gerará uma demanda jurídica que se prolongará por décadas. Tudo a ser tratado no caso deverá ser de forma amigável, muito amigável!

A empresa, além das questões brasileiras, terá que resolver problemas internacionais, como limpar sua “barra ambiental”. Ainda que muitos poucos estejam

preocupados com isso ao adquirir seus guardas chuvas, smat phones, ou suas Ferraris, confeccionados com aço feito de minério de Ferro da Samarco. Mas principalmente, reconquistar seus compradores que no hiato do não funcionamento da empresa, foram buscar outros fornecedores.

O capital da Samarco, que é uma empresa Limitada e de responsabilidade limitada, tem suas obrigações relativas ao seu capital social, que é pequeno. Outros bens constituem-se pelas estruturas de mineração e de beneficiamento, pelo minerioduto de centenas de quilômetros de extensão, pelo terminal marítimo de embarque e por outras estruturas que desconheço. Se somarmos tudo isso tenho certeza de que será pouco, muito pouco! O grande capital da Samarco e o qual ela não pode abandonar, é o que ainda não existe, é o que está no subsolo, é o que a Empresa está sentada em cima. Ele é representado por um número repleto de muitos zeros de toneladas de minério, ao qual ela tem o direito de lavra, e que a faz continuar tentando sobreviver.

Elizabeth, vamos voltar a nossa barragem de sítios e fazendas. Se essas barragens pequenas, ligadas às propriedades rurais, como por exemplo as existentes na Bacia do Rio Piracicaba onde o Sistema Cantareira obtém sua água tivessem suas cotas (alturas) levantadas em um metro, construindo-se estruturas onde esse metro de água pudesse ser liberado em tempos de seca (sem chuva), naturalmente a água fluiria para uma das seis represas que compõem o Sistema Cantareira, tornando – as perenes.

Sem medo de errar, somaríamos um volume muito próximo das atuais represas, ou seja, construiríamos um novo Sistema Cantareira apenas alterando tecnicamente milhares de pequenas barragens de Sítios e Fazendas, num trabalho de formiguinha.

Essa alteração de cota de um metro logicamente afetaria o produtor rural, pois uma área da propriedade iria ser inundada e os limites das tais APPs (Áreas de Proteção Permanente) se modificariam. Isso geraria problemas legais de posicionamento de construções que os legisladores da cidade acreditam interferir no ambiente aquático natural (????), implicando em crime ambiental.

Por sua vez, os agricultores poderiam se beneficiar dessa reserva de água, vendendo-a para a SABESP. Basta desenvolver um aplicativo que meça a velocidade da água quando esta percorre as dimensões de um tubo de secção conhecida ou de uma calha Parshall. Lá mesmo da cidade, aquele “ecocho” com seu smartphone 4 G, poderia monitorar e controlar a barragem da propriedade rural. Se bem que, a nenhum deles isso interessa, nem para a SABESP que teria que pagar pela água e nem



ao ecochato por fazer algo que não apareça na mídia e principalmente porque teria que pagar mais pela água.

Bem Beth, resolvido o problema da água, podemos descansar. Podemos ir para a praia sem nenhum peso na consciência, assistir a arrebentação das ondas, o pipilar das gaivotas, e a algazarra da molecada. E porque não o desfile de lá para cá e de cá para lá de Deusas curvilíneas bronzeadas, exibindo seus corpos desnudos, quando não estão trajando a tal canga, que digamos assim acortina o espetáculo!!! Essa última parte ao menos á mim interessa, não sei a ti!!!

Tudo o que é criado, de início é grande e pouco eficiente. Com a evolução, os produtos se miniaturizam e aumentam em eficiência. O mesmo ocorreu com os biquínis. Eles foram diminuindo, diminuindo, até atingirem o ponto máximo da evolução representados por interessantíssimos modelos como, Fio Dental, Cavado, Lacinho e Asa Delta. Como daí para frente não tinham mais como evoluir chegaram em seu máximo da moda praia (ou seria mínimo).

Estava tudo certinho, maravilhoso, mas apareceu então um Deus da moda, que digamos de forma bem-educada, “não gostava da fruta”, e resolveu criar a vestimenta odiosa denominada Canga. Ela, presa ao cangote da distinta, a envolve, escondendo totalmente suas vergonhas e suas belezas.



Fonte: Blog, EN1GM4T1C4

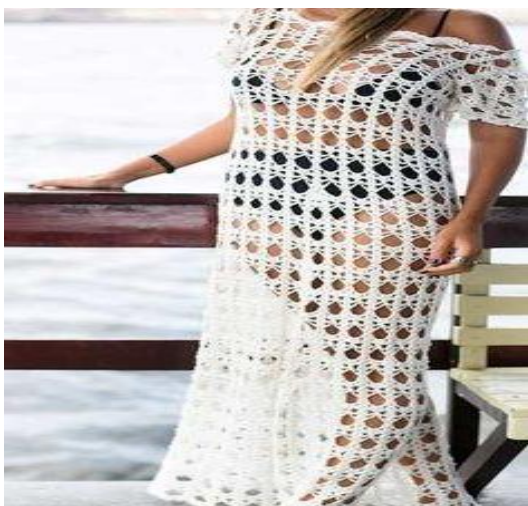


Fonte: Blog, EN1GM4T1C4

Bem Elizabeth, como dizem, se receberes um limão deves fazer uma limonada!

Apesar de odiar as cangas, existem dois tipos delas que acho até um pouco interessantes, principalmente porque já trazem junto a cantada ( ainda que hoje em dia, promover uma cantada pode gerar inúmeros transtornos ligados ao politicamente correto).

Uma delas se parece com uma rede de pesca e gera o seguinte xaveco:



“ - Obrigado Netuno por ouvir minhas preces e me trazer uma Sereia!!!”

Já o segundo xaveco se liga aquelas cangas com a bandeira do Brasil.



“- Ah, assim fica fácil amar a Pátria! ”

Isso é se Eu não apanhar lá em casa quando este ensaio tornar-se público!